



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LUIZ CELSO GIACOMINI

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-430

Entrevistado: Luiz Celso Giacomini

Nascimento: 06/01/1949

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte – Porto Alegre/RS

Entrevistadora: Jamile Mezzomo Klanovicz e Pamela Siqueira Joras

Data da entrevista: 05/06/2014

Transcrição: Jamile Mezzomo Klanovicz

Copidesque: Suelen de Souza Andres

Pesquisa: Suelen de Souza Andres e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 56 minutos e 18 segundos

Páginas Digitadas: 19 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Jamile Mezzomo Klanovicz intitulada *A história da disciplina de handebol na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Formação profissional e inserção no esporte; Clubes que atuou como técnico; Presença do público nas competições; Convite para jogar na Romênia; Como se tornou técnico da Seleção Brasileira de Handebol masculino; Questão profissional dos jogadores da Seleção; Cargos administrativos que participou; O papel da Federação Gaúcha de Handebol e da Confederação Brasileira de Handebol no cenário do handebol feminino; A participação do Rio Grande do Sul e do Brasil em campeonatos de handebol; Período de maior visibilidade no Rio Grande do Sul; Cobertura da mídia sobre os campeonatos de handebol; Visibilidade e recursos para o handebol feminino; Início da prática do handebol no Rio Grande do Sul; O incentivo do esporte na escola; Destaques de sua trajetória profissional.

.

Porto Alegre, 05 de junho de 2014. Entrevista com Luiz Celso Giacomini a cargo da pesquisadora Jamile Mezzomo Klanovicz e Pamela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.K. – Professor, gostaria que o senhor iniciasse nos contando um pouco sobre sua formação e como o senhor iniciou no esporte?

L.G. – Bom, a minha formação de escola fundamental foi na minha cidade natal que é Formigueiro¹. Lá eu fiz o primário na época e depois em Santa Maria² eu concluí o primeiro ano do segundo grau e fui para Vale Vêneto³ por uma questão de necessidade, fiquei três meses em Vale Vêneto, semi-interno, e lá aconteceu uma coisa que foi o que me despertou futuramente para a profissão: se praticava muito esporte, como era internato, não tinha muita coisa para fazer mesmo, então nós praticávamos muito esporte, futebol, basquete, atletismo. Isto me deu uma motivação muito grande, pois sempre gostei muito de esporte e no futuro eu ingressei então em uma Faculdade de Educação Física. Terminado o dito segundo grau em Vale Vêneto, eu retornei a Santa Maria, fiz o último ano do científico no Colégio Santa Maria, aliás, o último ano não, os três anos do científico no Colégio Santa Maria e prestei o serviço militar e depois fiz o vestibular para Educação Física em junho de 1970. Foi a primeira turma, quando o curso abriu, fiz o vestibular, fui aprovado e eu segui realmente a profissão e me identifiquei. Eu tinha um grupo de colegas, todos desportistas, essa foi uma fase interessante de eu ter dirigido o handebol. Um era muito bom em futebol, outro muito bom em basquete, outro muito bom em voleibol, e etc. Nós estávamos tendo a disciplina de Handebol, que era uma das primeiras do currículo, e eu gostei, achei interessante e comecei a pesquisar a questão do handebol. E já em 1970 eu fui para a Argentina fazer um curso com o professor Alfredo Osmar Miri, que na época na América do Sul era a pessoa que detinha os melhores conhecimentos. A partir deste curso eu fui me interessando. Ainda em 1970 eu fui contratado no Colégio Estadual Manoel Ribas, como professor temporário, naquela época o estado permitia vinte horas. E, justamente o trabalho era com handebol, e eu iniciei o meu trabalho com a modalidade no Colégio Estadual Manoel Ribas, com quatro meninas e uma bola de voleibol, porque não

¹ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul.

² Cidade do Estado do Rio Grande do Sul.

³ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul.

havia ainda equipamentos específicos do handebol. As meninas foram chamando as colegas, e nós formamos uma equipe feminina e também uma masculina juvenil na época, em 1970. Pelo “chamamento” nós fizemos um convênio com um clube de Santa Maria, e eu trabalhava lá, que é o Corinthians Atlético Clube, onde eu fiz toda uma caminhada como, professor e técnico da modalidade. Já em 1971, eu treinava *seis equipes* no Colégio Manoel Ribas, infantil masculino, juvenil, infantil e juvenil masculino, e infantil, infante e juvenil feminino. Quer dizer, eram seis... Eu tinha vinte horas de contrato no Estado e trabalhava trinta e duas por semana, porque eu gostava, me identifiquei muito. Em 1972, naquela época a faculdade tinha três anos, em 1972 nós nos formamos e eu continuei trabalhando no Manoel Ribas e trabalhando sempre em paralelo com o handebol. Eu trabalhei trinta e dois anos *ininterruptos* como treinador de handebol, e tive várias oportunidades que depois a gente pode dissecar aqui mais um pouquinho. Quanto à formação é mais ou menos isto. O que é que me trouxe, assim, como formação técnica no handebol e que foi um divisor de águas para mim. Em 1974, foi no tempo do DED, que era o Departamento de Educação e Desporte, que dirigia o esporte no Rio Grande do Sul, no Estado. Eles tinham uma relação muito grande com um professor de Santa Maria, e pediram a ele que indicasse dois treinadores de handebol, porque o foco do handebol, embora a origem dos profissionais todos tenha sido aqui na UFRGS⁴, o foco do handebol se transportou para Santa Maria. Porque houve um movimento muito grande de um professor que saiu daqui e foi para lá e se tornou o nosso ícone, o professor Pedro Luis Benno Lang... A pessoa que sempre nos orientou. Então, em 1974 determinado professor - não o Lang - foi solicitado para indicar dois treinadores, e ele indicou, infelizmente, um sobrinho dele que era treinador de voleibol para ir dirigir a Seleção Gaúcha de Handebol nos Jogos Escolares Brasileiros, uma incongruência *total*, naquela época em 1974 eu não fui como treinador, mas *vinte oito* atletas que eu dirigia foram convocados.

J.K. – Sim!

L.G. – Só colocaram os treinadores nas duas equipes, e foram para Brasília, foi... Não preciso te falar, um vexame a participação... Aí em 1975, houve uma intervenção avaliativa

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

junto ao DED do professor Pedro Lang que passou a indicar os treinadores. Me chamaram e chamaram o professor Iradil Antonello, que hoje é o presidente da Federação Gaúcha de Handebol, para dirigir a equipe masculina, e eu fui então com a feminina. Aí nós fizemos uma campanha no feminino extraordinária, saímos em quinto lugar... E agora eu volto à formação, e fui convidado para fazer um estágio técnico de aperfeiçoamento na Romênia em 1975, com mais trinta professores do Brasil, e esse estágio lá foi o divisor de águas, porque a Romênia na época, era a Campeã do Mundo, ostentava o título de Tetracampeão Mundial. Então, com conhecimento que a gente trouxe de lá, nós conseguimos disseminar em Santa Maria, no estado e até no país, porque a partir daquele curso, e dos resultados que nós começamos a obter eu fui muito chamado para cursos em todo o Brasil, posso dizer que ministrei cursos em todos os estados do Brasil, e orientei monografias, eu tenho trinta e sete monografias orientadas de handebol, então, em termos de formação foi mais ou menos isso. Eu cursei o mestrado também em Ciências do Movimento Humano. E como técnico fiz estágios na Romênia, na Alemanha, na Iugoslávia, quer dizer, o esporte, o handebol me proporcionou, a mim e aos atletas que eu dirigi experiências internacionais extraordinárias. E a mais acentuada delas foi que em 1982 a equipe da Universidade de Santa Maria foi convidada a fazer um giro pela Europa daí nós jogamos na Alemanha, na Suíça e França, fizemos vinte e dois jogos, ganhamos quatorze, perdemos oito, e também esse estágio técnico, trouxe uma experiência muito grande, e nos levou a títulos consecutivos no Brasil e na América do Sul.

J. K. – Sim, Sim...

L.G. – Então em termos de formação, mais ou menos isto?

J.K. – E dos clubes que o senhor foi técnico, foi só o Corinthians?

L.G. – O Corinthians foi com as equipes juvenis...

J.K. – Com as juvenis!

L.G. – Em 1975 eu dirigia o feminino, em 1976 eu passei a dirigir só o masculino e o professor Iradil assumiu o feminino. Então, em 1976 nós disputamos os Jogos Escolares Brasileiros aqui em Porto Alegre, o masculino saiu em terceiro lugar, aí começou uma caminhada muito importante. Nesta época eu ainda estava com as equipes no Corinthians, e também em 1976, 1977 depois, nós jogamos o Campeonato de Clubes em Pernambuco, ganhamos pelo Corinthians de Santa Maria como clube, e em 1977 em julho a Seleção Gaúcha que era toda de Santa Maria na época, foi campeã brasileira dos Jogos Escolares Brasileiros, então foi o primeiro título de esportes coletivos que o Rio Grande do Sul trouxe dos Jogos Escolares Brasileiros. Isso é uma marca importante para quem trabalha com as memórias do esporte.

J.K. – Claro, com certeza!

L.C. – Esse é o clube! Depois em 1979 como eu era professor da Universidade, eu saí do estado e me dediquei exclusivamente na Universidade, e lá nós fundamos a Associação Desportiva da Universidade Federal de Santa Maria, que tinha como foco fazer com que as equipes representativas da Universidade pudessem atuar nos campeonatos estaduais e nacionais; tínhamos natação, voleibol, basquete, handebol e atletismo, eram cinco modalidades. Então, esses foram os dois clubes que eu trabalhei no Rio Grande do Sul, depois já em 1986 eu tive um convite que se tornou *irrecusável*, de ir trabalhar na Sadia⁵ em Chapecó⁶, aí eu me licenciiei da Universidade durante dois anos, e fiquei dois anos em Chapecó, nós jogamos cento e oitenta e duas partidas, ganhamos cento e oitenta e ganhamos todos os campeonatos que participamos, lá foi um primeiro indício de profissionalismo da modalidade. E Santa Catarina também tem esse divisor de águas, antes e depois da equipe da Sadia, o que ocorreu? Muitos jogadores que estavam se formando em Educação Física em Santa Maria acharam o mercado de trabalho em Santa Catarina, e foram para lá, hoje Santa Catarina tem o handebol melhor que nós.

J.K. – Sim! Quando tinha as competições dos times, como era a presença do público?

⁵ Grêmio Esportivo e Recreativo Sadia.

⁶ Cidade do Estado de Santa Catarina.

L.G. – Variava, por exemplo, nós na época dos escolares em Santa Maria... porque quando o nosso grande guru em Santa Maria, o professor Pedro Luiz Beno Lang formado aqui na UFRGS, e ele chegou e começou a ministrar a modalidade, e trabalhar a modalidade conosco, e comecei como atleta para jogar os jogos das escolas de Educação Física. O primeiro grande evento que Santa Maria assistiu, foi em 1974 a final dos jogos das Escolas de Educação Física UFRGS e UFSM, o ginásio do Corinthians tem uma capacidade para quatro, cinco mil pessoas e ele estava completamente lotado. Então, muito público, Santa Maria tem público de handebol, pela história que construiu na modalidade. Então essa foi a primeira, depois nós tivemos um amistoso com uma equipe da Alemanha, chamada de Großburgwedel, cidade próxima a Hannover, que também o ginásio estava lotado, tiveram que fechar as portas, porque não cabia mais ninguém, as crianças estavam sentadas ao redor da quadra de tanta gente e o jogo foi espetacular, foi vinte a vinte, então, foi uma coisa impressionante aquele jogo fez com que acontecesse a primeira contratação de um jogador de handebol do Brasil por clube da Europa: Nei Cruz Portela, que até hoje está na Alemanha, casou lá, é treinador, trabalha na Alemanha. Foi a partir daquele jogo, a equipe que nós empatamos o levou para lá, porque dos vinte gols da ADUFSM⁷, ele fez doze nos alemães, e eles acharam isso realmente que o Nei tinha capacidade, como de fato tinha e ele foi, e foi o primeiro jogador a sair para a Europa. Grandes públicos! Em 1994 nós sediamos em Santa Maria o Campeonato Pan Americano de Seleções, isso quando eu era técnico da Seleção Brasileira, *muito* público também. Mas, existem eventos, que não se tem tanto público assim, e outros tem, normalmente Santa Maria tu não fazes um evento bom de handebol com menos de mil e duzentas pessoas assistindo, então Santa Maria tem público, Novo Hamburgo⁸ tem público, Caxias do Sul⁹ tem um pouco de público, se o evento é bom tem também, porque são núcleos onde o handebol se desenvolveu.

P.J. – Professor Celso, o senhor falou que foi para um estágio na Romênia e teve um *tour* com a equipe, como veio esse convite e quem custeava essa ida de vocês para o exterior?

⁷ Associação Desportiva da Universidade Federal de Santa Maria.

⁸ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul.

⁹ Cidade do Estado do Rio Grande do Sul.

L.G. – Veja bem, isso aí foi uma coisa muito interessante. Como nós conseguimos ir para a Europa, como veio um convite oficial da Federação Alemã, nós... Eu era professor da Universidade e eu elaborei um projeto dirigido ao Pró-Reitor de Extensão da Universidade, e ele se interessou pelo projeto e foi buscar, os recursos para as passagens vieram do... Não era Ministério, acho que naquela época era Secretaria Nacional do Esporte, foi o governo federal que nos deu as passagens para essa viagem, através de um projeto bem justificado e elaborado, os meninos a maioria filhos de famílias humildes, e eles não tinham dinheiro, para ficar vinte e um dias na Europa. Assim nós tivemos partidas como em Munique, nós fizemos um jogo em Munique que foi extraordinário, a nossa equipe tinha um treinamento muito bom, e nós tínhamos uma jogada que quando apertava o ataque o goleiro subia para finalizar, isso foi inédito, foi uma das primeiras vezes que os próprios alemães que são os criadores do handebol viram uma ação tática dessas e que hoje é institucionalizada. Levantei no banco, o jogo estava um gol para nós aí eu pedi para fazer a jogada para o goleiro, e deu tudo certinho cronometrado e o goleiro entrou e fez o gol, o público que estava lotando o ginásio, todo mundo curioso para ver o brasileiro exótico jogando handebol, etc e tal, todo o público, aplaudiu de pé a jogada. A meninada ia para o banco arrepiado, e eu também porque nunca tinham visto uma situação assim, fizemos o gol, ganhamos a partida lá, foi espetacular. Jogamos duas vezes com a Seleção Alemã que estava se preparando para o Mundial, então foi realmente algo fantástico e aconteceu desta maneira.

J.K. – O senhor falou que chegou a ser técnico da Seleção Brasileira, como o senhor chegou a este cargo?

L.G. – Várias vezes, eu fui técnico da Juvenil, da Júnior e da Adulta. Pelos resultados, uma vez tu vai com uma equipe de uma cidade representando o estado e tu ganha um campeonato brasileiro do eixo Rio de Janeiro-São Paulo-Minas Gerais que na época eram as *referências*, ganha um campeonato, vai ao outro e ganha de novo, aí começa ganhar no adulto... O que é que houve na verdade, depois nós vamos discorrer aqui... Como nós, com essa equipe da Universidade, com as Seleções nós começamos a ganhar títulos, ganhar títulos, e o nosso handebol era diferente dos outros, o grande ensinamento do professor Pedro Lang, ele me disse assim: “Celso, os paulista, os cariocas e os mineiros, eles tem

muitos jogos competitivos entre eles, e isso dá muita experiência aos jogadores e as equipes, então, o que é que nós temos que fazer aqui em Santa Maria longe desse eixo para se comparar a eles, eles treinam três vezes por semana, nós temos que treinar todos os dias, inclusive sábado e se for o caso no domingo”. E nós fizemos isso, então, os nossos times tinham um diferencial de desenvolvimento técnico *muito* superior aos outros e era onde a gente sempre se sobressaia. Então várias vezes eu fui convidado, eu fui convidado para dirigir a Seleção Brasileira Juvenil em várias excursões pela Europa, que era... A Juvenil naquela época era mais de aprendizado, por exemplo, tu saias para um estágio internacional e a equipe ia junto. E fazia lá jogos amistosos, nós jogamos a Copa Latina em 1982. Nós fomos vice-campeões invictos da Copa Latina, no México sem perder nem um jogo, perdemos no saldo de gols por dois gols de diferença, a decisão da Copa foi em saldos de gols. Então essa era uma equipe juvenil, depois eu fui treinador da Júnior, nós fomos tetra campeões Sul-Americanos com essa equipe, com a Seleção Júnior, e depois eu fui para a adulta, aí a adulta, o que ocorre com a adulta? Nós temos uma diferença abismal entre o handebol praticado na Europa sobre o ponto de vista de experiência, de capacidade de jogo, para o nosso, então, quando eu peguei a adulta eu falei com o Presidente da Confederação: “Qual a possibilidade de financiamento de nós profissionalizarmos, fazer um trabalho mais aprofundado?” Não havia recursos na época como tem hoje, então, o que é que ocorria? Nós buscávamos algumas alternativas de apoio. Eu fui com o adulto em dois mundiais, um na Itália e outro na Islândia, em 1995 foi onde eu encerrei a minha carreira como técnico, em 1995 na Islândia. No adulto nós não conseguimos grandes resultados, a não ser a nível Pan-Americano que nós conseguimos classificar o Brasil para as Olimpíadas em 1982 e depois em 1986, e... Aliás, em 1982 e 1996, 1994 em Santa Maria foi classificatório, e Cuba ganhou e não pode ir e o Brasil foi, e eu não pude ir em nenhuma Olimpíada, porque eu queria realmente treinar um ano consecutivo e jogar em nível internacional, e como não tinha essas condições e eu tinha que deixar o meu trabalho na Universidade, eu abri mão de ser o treinador em duas Olimpíadas. Então, nós conseguimos bons resultados em nível de América do Sul, a gente tinha a hegemonia do handebol, hoje já está mais dividido com a Argentina. E nas categorias de base a gente ganhava sempre, hoje também já está mais dividido, não é que o Brasil tenha decrescido, a Argentina cresceu muito, porque importou também muitos treinadores. Dirigi várias

equipes, é uma experiência extraordinária, mas a que tu fazes com mais amor, é a que tu fazes no dia-a-dia, no clube, com as escolas, realmente é muito diferente.

P.J. – Como que era a questão profissional, por exemplo, mais formal de carteira assinada essas coisas. Quando tu foste para a Seleção, tinha alguma coisa nesse sentido, os jogadores recebiam alguma coisa?

L.G. – Absolutamente amador, absolutamente amador! A minha situação, eu era professor da Universidade e existe até hoje uma lei que todo servidor público quando convocado oficialmente para Seleções, ele é dispensado de suas atividades de trabalho com a sua remuneração. Era a mesma coisa, que não ir e ficar dando aula. Eu fiz Educação Física pelo gosto do esporte, eu acho que o esporte é uma ferramenta social extraordinária, depois nós vamos falar nos projetos que a gente desenvolveu enquanto gestor, então, era tudo no amor. Essencialmente no amor, ninguém ganhava nada, nem ajuda de custo quando viajava.

J.K. – O senhor participou de diversos cargos administrativos, dentro desses cargos o senhor sempre tentou manter, incentivar mais o handebol?

L.G. – Sempre! Dependendo do cargo, por exemplo, dentro da Universidade eu fui Chefe de Departamento, Coordenador de Curso, Diretor da Faculdade, e Pró-Reitor de Extensão, e nestas situações sempre busquei alternativas para viabilizar as questões do esporte. Quando tu és gestor não poder olhar para um só, tem que olhar para todos, aí já é um trabalho mais amplo. Sempre procurando, um olhar holístico dos esportes. Posteriormente fui indicado pelas Universidades, onde o Ricardo Petersen¹⁰ fazia parte, professor daqui, para assumir um departamento de Desenvolvimento e Tecnologia, do então, INDESP – Instituto Nacional do Desenvolvimento do Esporte e lá assumi esse Departamento, era mais na área científica e foi quando nós aprimoramos o CENESP¹¹, que existe até hoje, e dirigi essa parte mais científica, e aí conseguimos aportar muitos recursos nas Universidades e fizemos um projeto dirigido as Confederações, que era que o CENESP recebia um recurso do Governo Federal, mas fazia o trabalho de avaliação, monitoração e

¹⁰ Ricardo Demétrio de Souza Petersen.

acompanhamento das Seleções Nacionais para dar um cunho científico à preparação dos atletas. Foi um trabalho muito bem sucedido, as universidades que estavam dentro do projeto trabalharam muito bem, o Brasil teve excelentes resultados, principalmente, nos Paraolímpicos que fizeram um trabalho melhor, do que os outros dentro dessa área da cientificidade. Então, fizemos esse trabalho lá, depois no ano seguinte em 2002, o iatista Lars Schmidt Graef assumiu a Secretaria Nacional do Esporte, e me convidou para ser adjunto dele, e eu fazia a parte administrativa e ele fazia a parte política externa, e nessa época nós liberamos muito recurso para cursos de capacitação, porque a minha visão sempre, como gestor é de capacitar as pessoas, eu acho que o desenvolvimento das cidades, dos Municípios, dos Estados, passam pelo desenvolvimento humano. Se nós tivermos pessoas capacitadas, nós teremos os resultados dessa capacitação, dentro do seio social, e no esporte é a mesma coisa. Então, nós procuramos, até porque era onde tinha mais recurso, muito trabalho de capacitação enquanto gestor nacional do esporte. Em 2003 eu assumi a presidência da FUNDERGS¹², aí eu fiz o Plano Estadual de Municipalização do Esporte, que foi realmente um sucesso sobre o ponto de vista de divisão de recursos, e recursos naquelas camadas que normalmente, não tinham acesso. Esse projeto foi muito bem recebido pelos Municípios, porque veja bem, às vezes tem municípios com cinco ou seis mil habitantes que nunca tinha recebido nada do Estado, então tu fazias um convênio de três mil reais ou quatro mil reais para eles comprarem equipamento esportivos, era um processo que inicia o desenvolvimento do esporte no Município, isso foi muito bom! Criamos uma política de jogos, hoje nós temos os Jogos Intermunicipais do Rio Grande do Sul (JIRGS), que são os tradicionais, nós criamos o JIRGUINHOS 14 anos, JIRGUINHOS 17 anos. Aí que tem a diferença na questão de um técnico dirigindo, com visão técnica e de pessoas voltadas só para a política. Os atletas do JIRGUINHOS ou do JIRGS da nossa época todos eles, quando iam participar da fase final, que era em torno de mil e quinhentos atletas, nós fazíamos um convenio com o SESC¹³ e todos ficavam em hotéis e fazia-se uma central de alimentação, e todo mundo comia lá junto, era uma beleza, de integração. Tem gente que hoje já é adulta, porque isso foi em 2003, e eles me encontram e me dizem assim: “Professor o senhor me deu a maior alegria eu não me esqueço daquele JIRGUINHOS, eu tinha quatorze anos, ficamos em um hotel excelente e fomos bem

¹¹ Rede CENESP – Centros de Excelência Esportiva.

¹² Fundação de Esporte e Lazer do Estado do Rio Grande do Sul.

¹³ Serviço Social do Comércio.

tratados e assim que o esporte tem ser”. Então assim, essa é uma visão que eu tenho do esporte, que as pessoas que são protagonistas, que os alunos, os atletas, professores, eles tem que ter uma condição muito boa para poder desenvolver o esporte. Não adianta, fazer evento, e colocar os atletas que vão para alojamento sem condições de higiene e de descanso, eu não consigo ver uma equipe disputando uma Liga Nacional, dormindo em um colchões no chão, alguma coisa está errada, é preciso dar dignidade aquilo que a gente faz. Então também como, gestor na Fundação do Esporte, estive muito ligado, e como presidente da Federação¹⁴ que fui durante três anos, nós procuramos um processo de desenvolvimento do esporte de uma forma integrada. Priorizando os atletas. Tinha um projeto chamado Primeiro a Criança, que era esporte para estimular a categoria mirim e infantil a praticar handebol, e o que é que foi interessante que nós fizemos como Federação? A Federação tem como filiados os seus clubes, nós abrimos para as escolas participarem, nas categorias de base, e houve uma presença importante do segmento escolar, e até hoje tem escola inscrita como escola, Margarida Lopes¹⁵, de Santa Maria, Santa Catarina¹⁶, aqui de Novo Hamburgo, e assim por diante. Então, isso foi também algo muito positivo para o desenvolvimento do esporte.

J.K. – Como o senhor já foi também presidente da Federação, como o senhor vê o papel da Federação e da Confederação Brasileira no cenário do handebol feminino?

L.G. – Muito bom! Hoje o que é que ocorre, assim, feliz ou infelizmente o esporte para tu teres competições, tu teres coisas bem organizadas, precisa de recursos. Então hoje nós temos várias coisas que auxiliam o esporte, nos temos leis de incentivo e etc., mas as leis todas elas tem um entrave. A Lei Federal, por exemplo, que é de incentivo ao esporte por renúncia de imposto de renda, ela tem um problema que a empresa só pode doar 1% da sua renda líquida, então é só para mega empresas, para tu ter alguma coisa... 1% da renda líquida, vamos supor uma empresa que teve cem mil reais de renda líquida no ano, tu tiras 1% e vamos ver no que vai dar, não vai dar absolutamente para nada. Então, o que está favorecendo esta lei, as mega estruturas, ela não está chegando no clube, nas federações, porque o clube lá em Santa Maria, o clube em Novo Hamburgo não tem tantas empresas

¹⁴ Federação Gaúcha de Handebol.

¹⁵ Escola Estadual Professora Margarida Lopes.

¹⁶ Colégio Santa Catarina.

que queiram ou possam investir nessas coisas. Outras partes dessa lei, é que a pessoa física, que paga imposto pode doar até 6%, então, vamos supor que eu vou fazer a minha Declaração de Renda, e eu tenho que pagar para o governo trinta mil reais, eu posso doar mil e oitocentos reais para um projeto esportivo. Mas, o que é que ocorre normalmente, as pessoas parcelam sua dívida, e quando parcela não pode entrar, segundo ponto negativo, que quem recebe com contracheque como os funcionários públicos federais, não pode doar, tem entraves que dificultam o dinheiro chegar lá na base. A Lei Municipal em Porto Alegre, ela é renúncia de ISSQN¹⁷ e IPTU¹⁸, mas o que é que ocorre? Só pode captar 70%, o doador tem que dar 30%, então vejam bem, e é semelhante a Lei Estadual que foi criada no ano passado. A contrapartida é 25%, então, se coloca na posição de um empresário, um empresário médio, tu chega lá com um projeto e diz, olha invés de tu pagar ICMS¹⁹ para o Governo do Estado tu pode doar um percentual, vamos dizer de 5%... Isso depende muito porque isso é a Secretaria da Fazenda que dá... Pode doar 5% para um projeto de esporte, como exemplo, aí como é que funciona isso? É só tu te cadastrar, está aqui o cadastro, leva lá, faz toda a negociação. Mas, o que é que ocorre, porque além desta renúncia... Aí eu vou colocar, tem uma coisa, além, de tu me dares esse dinheiro, o senhor tem que pagar 25% do que irá me dar para poder ter o seu nome vinculado ao evento. Normalmente é rechaçada a possibilidade, quer dizer, as Leis foram criadas, mas ela tem entraves que dificultam muito tu conseguir o recurso. Eu fui Secretário do Esporte em Santa Maria e eu criei a Lei lá, só que eu criei diferente, 100% de abatimento do IPTU e ISSQN e se o empresário quiser o nome dele, ele dá mais 10%, aí fica no livre arbítrio dele, eu quero e eu não quero, está funcionando até hoje e esse pessoal tem facilidade de acesso a essa Lei estando com os documentos para a entidade esportiva e tudo. Assim, eu penso uma Lei de incentivo, Lei de incentivo tu não pode ter uma contra partida alta de 30% ou 25%,... Eu me dou muito bem com o Secretário da época, o Khalil²⁰ foi meu atleta de handebol, foi campeão brasileiro comigo das seleções, e eu disse para ele: “Khalil não vai funcionar”. Só as mega estruturas, a quem facilita, por exemplo, empresa X que tem recurso destinado à publicidade, esses lucram com isso, porque se ele vai aplicar um milhão de reais em publicidade, ele entra na Lei, porque aí ele desconta no imposto e vai gastar quanto, só

¹⁷ Imposto sobre serviço de qualquer natureza.

¹⁸ Imposto Predial e Territorial Urbano.

¹⁹ Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços.

²⁰ Kahlil Sehbe Neto.

duzentos e cinquenta mil reais. Para ele é vantagem pois economizou setecentos e cinquenta mil reais. Então essas dificuldades de apoio existem, não existem recursos nas Federações e nos Clubes, a não ser algum projeto ou outro que a FUNDERGS libera, ajuda, mas isso é esporádico não é em caráter permanente. Penso que essas Leis nacionais que destinam recursos as Seleções, devem permanecer, mas deve-se criar uma estrutura talvez até com o saldo dos prêmios das loterias não reclamados, para atender Federações e Clubes, mas está faltando alguém propor isso.

J.K. – Como o handebol é um esporte olímpico, como o senhor vê a participação do Brasil e do Rio Grande do Sul nesses campeonatos?

L.G. – O Rio Grande do Sul hoje nós temos duas equipes femininas jogando a Liga Nacional, a equipe da UCS²¹ de Caxias do Sul e a equipe de Novo Hamburgo, para este ano vai entrar mais uma equipe masculina, então nós teríamos duas equipes femininas e uma masculina. É uma boa representatividade, mas nós não temos conseguido como, nos anos 1980, 1970 que nós tínhamos essa equipe da Universidade de Santa Maria, os resultados positivos de pódio, porque o handebol pelo mesmo fato que eu venho falando... O handebol se profissionalizou, todas as equipes são profissionais hoje, que jogam a Liga Nacional, os atletas são remunerados, os treinadores são remunerados, e nós não temos aqui no estado uma estrutura de apoio a essa remuneração. A UCS tem conseguido aprovar projetos na Lei Federal, mas ela não tem conseguido captar todo o recurso que precisa para fazer uma equipe de ponta, mas é boa a participação, o fato de tu já estar participando, de oito equipes tu ter duas equipes femininas é positivo. Esse ano vai para doze, já vamos ter duas e mais uma masculina e isso é altamente positivo. O que é que na minha visão está faltando, principalmente, para o masculino é justamente o que eu fiz há quase trinta anos atrás, é treinar mais. Hoje as equipes treinam as equipes que jogam campeonatos estaduais, treinam no máximo três vezes por semana, e com esse volume de treinamento tu não consegue te equiparar aos estados que se desenvolveram mais, tem que voltar a treinar todos os dias, para tu ter a condição técnica, de com a técnica e com a tática, ganhar aquilo que tu não adquiriu experiência.

²¹ Universidade de Caxias do Sul.

J.K. – Quando o senhor acha que foi o período de maior visibilidade do handebol no Rio Grande do Sul?

L.G. – Na década de 1970! Na década de 1970, começo da década de 1980, de 1971 vamos dizer assim, até 1985, 1986 por aí. Esse foi o período áureo do handebol do Rio Grande do Sul, onde no contexto geral nós temos dezesseis títulos Sul Americanos e quatorze títulos brasileiros, considerando todas as categorias, todos os tipos, estudantil, universitário e de clubes, então nós realmente somos um estado muito laureado no handebol, mas é preciso recuperar isso, não pode ficar só para a memória do esporte, tem que voltar a se criar esta condição. Mas penso, que com o aperfeiçoamento das Leis... A Copa do Mundo está no trazendo uma coisa, eles pegaram a Lei de Incentivo Estadual e tiraram os 25% de obrigatoriedade para fazer as estruturas temporárias, e isso abre uma possibilidade de discussão, para tu baixar esse percentual ou tirá-lo, estabelecendo um teto, isso é o que seria o ideal. O governo está dando, disponibilizando hoje... Vamos falar sobre hipóteses, trinta milhões de reais por ano para o esporte, através da Lei, então coloca isso como um teto possível e tira a contrapartida, aí nós teremos a possibilidade do ressurgimento realmente das coisas.

P.J. – O senhor lembra se tinha na época dessas competições alguma cobertura da mídia, em relação a isso, ou de jornais?

C.G. – Eventuais, por exemplo, joguei um Pan-Americano em Manaus, como treinador, a TV Bandeirantes transmitiu todo; o Pan Americano em Santa Maria foi muito badalado, então, ele tem alguns eventos que é interesse da mídia, e isso é uma coisa que hoje para tu vender um projeto, se tornou fundamental tu ter a divulgação, se tornou fundamental. Então, se tu vai vender um projeto sem mídia é difícil, eu vou adiantar para vocês, eu sou coordenador executivo da Confederação Brasileira DE Handebol e da Federação Internacional, para trazer em 2015 o Mundial Júnior de Handebol masculino para o Rio Grande do Sul. Hoje nós temos sete cidades que estão interessadas, Caxias do Sul, Farroupilha, Bento Gonçalves, Gramado, Novo Hamburgo, Campo Bom, e Santa Maria, sete ou oito cidades. Então, agora semana... final do mês a Confederação vem aqui e nós vamos fazer uma inspeção técnica e vamos definir quatro cidades, então a Confederação já

ganhou a possibilidade de trazer para o Rio Grande do Sul este evento. E o que é que o evento trás de bom? Vinte e quatro países serão representados, estarão aqui no Rio Grande do Sul em quatro sedes, seis países em cada sede, cinco continentes estarão aqui, será um evento de alavancagem extraordinária, porque nós vamos fazer, a nossa ideia de projeto... Isso que eu queria falar, porque nós vamos fazer o antes, o durante e o depois. O que é o antes? Professores, atletas, todos mobilizados com cursos de capacitação, atuar como coordenadores técnicos, trabalhar na organização do evento, todas essas questões, e cursos de atualização em parceria com o Governo do Estado, em todas as sedes levando pessoas de todas as regiões, esse é um aspecto. Durante os jogos, o evento, levar grupos de professores e treinadores para assistir, não só os jogos, mas todo dia as equipes treinam e naquele treino o professor daquela equipe vai dar uma palestra com um interprete para os professores que estão assistindo, quer dizer, tu fazer, tu ter um proveito, um legado importante de conhecimento da modalidade de todos os países que estão aqui. Não se falando na possibilidade de negócios, aí vai caber a cada cidade, com seu departamento de turismo e de negócio, pegar os dirigentes conversar e mostrar a potencialidade da cidade. E aí entra a questão, quem é que é a dona do direito de transmissão? A Rede Globo, então isso é quase uma certeza que o Sport TV, vai mostrar esse evento para todo o mundo, e é mais uma possibilidade de divulgação, de conhecimento da potencialidade do nosso estado para negócios, para esporte, para educação e etc. Então, a questão da mídia *é fundamental!* Eu tinha na minha época a seguinte posição e conseguia com isso, eu procurava levar público para o evento, porque se tu levava público para o evento a mídia vai dar cobertura. É tem essa também! [risos]. Essa é uma questão que quando tu não tens dinheiro, tu tem que levar público. Nós fizemos esse ano será a 20º Copa Mercosul em Santa Maria, vinte anos ininterruptos, uma média de seiscentos a oitocentos atletas, durante quatro dias, no início não tinha divulgação, atualmente *todos os dias* os jornais e rádios dão cobertura, por quê? Um evento consistente, sempre ocorre na mesma época, no feriado de sete de setembro e hoje está assim, nós já estamos hoje com as reservas de pousadas e alojamentos lotadas em Santa Maria para setembro. Então é um evento qualificado do estado também, como eu tinha falado.

P.J. – As brasileiras agora foram campeãs Mundiais...

L.G. – Sim!

P.J. – A pouquíssimo tempo, e elas não tiveram tanta visibilidade assim, como se era esperado, o que o senhor acha que vem acontecendo?

L.G. – Até assim, vamos dizer assim, nas mídias sociais teve bastante visibilidade, e na mídia nacional teve um pouco, mas não teve aquilo que se esperava. Porque, é essa questão que eu falei hoje a Confederação, depois do Mundial, a Confederação conseguiu fechar um contrato com a Rede Globo, então, o Handebol será uma das modalidades de muita mídia na Olimpíada. Porque o masculino vai ter chance de ganhar o Mundial Júnior aqui no Rio Grande do Sul e é à base da seleção para a Olimpíada. Então vai ter um evento que é preparatório para a Olimpíada, e mesmo o masculino hoje está com uma equipe mais competitiva, porque está tendo condições de pagar os atletas, já são quase todos dos profissionais, alguns já jogam na Europa. A nossa seleção masculina está indo muito para torneios internacionais, então está pegando o [palavra inaudível] necessário para jogar, para ganhar uma Olimpíada com mais qualidade, a mídia é consequência, divulgação é consequência. E hoje eu estou acreditando muito mais que esse campeonato Mundial, vai ter muito disse, cada cede vai transmitir através da web os jogos para todo o mundo, tu cria uma possibilidade e isso aí ajuda muito na divulgação.

J.K. – O senhor acha que em relação à questão de financiamento o Handebol masculino ele recebe mais recursos que o feminino?

L.G. – Hoje menos!

J.K. – Hoje menos.

L.G. – Nós tivemos uma discussão acerca disso, como eu era ex-técnico da seleção, e estava em um evento na Argentina e estava lá um técnico espanhol, e me chamaram e o presidente da Confederação me questionou: “Nós vamos ter recursos para investir em uma modalidade, qual investir primeiro para ter o resultado internacional para ter a possibilidade de chegar a ser Campeão Mundial de Handebol?” Foi unânime no feminino,

e isso foi feito, as meninas foram para Europa, o treinador chegou a ir para Europa também, e isso dá uma experiência muito grande, hoje nós temos a melhor jogadora do mundo, temos a Duda²² que foi considerada no Mundial agora, como a melhor da competição, nós temos uma equipe de muita respeitabilidade e é uma equipe de medalha na Olimpíada, não vamos já dizer: “Vai ser 1º lugar”, pode ser!” Mas, é uma equipe que vai ter muita divulgação, muita visibilidade, nós temos chance realmente de ganhar inclusive a medalha de ouro.

J.K. – Voltando lá no início que o senhor falou, na época em que foi técnico na escola. O senhor acha que quando o handebol iniciou no Rio Grande do Sul ele foi mais praticado em clubes ou em escolas?

L.G. – Bom, o handebol iniciou no Rio Grande do Sul, através do professor Francisco Camargo Netto, professor e diretor desta faculdade. Ele que veio de São Paulo e trouxe a modalidade na década de 1960 eu acho. Foi ele que trouxe, ele é o pai do handebol no Rio Grande do Sul, depois em 1972 se criou a Federação, mas ele começou na linha universitária, começou com jogos universitários, jogos de escolas de Educação Física, e aí aquelas pessoas que estavam fazendo Educação Física e participando desses jogos, quando foram ser professores de escola começaram a trabalhar o handebol, e foi dali que as coisas foram surgindo. A minha visão, o início mesmo é universitário.

J.K. – Teria mais alguma coisa que o senhor gostaria de compartilhar?

L.G. – Teria muita [risos]. Eu vou deixar a visão que ainda perdura do grande equívoco que o Brasil cometeu, foi de certa forma refrear a questão do esporte na escola. O Brasil não soube, como um todo, discutir essa questão e criar uma alternativa, como a criança na escola, possa fazer a sua Educação Física curricular e possa ter acesso a prática do esporte na escola e isso aí passou por uma profissionalização, onde os professores não são valorizados para trabalhar com o esporte, então o plano pedagógico das escolas deve trabalhar essa questão. E o Brasil está pecando muito, *ainda* por isso, porque a base, a célula, o núcleo do desenvolvimento é um Município, e o núcleo, o desenvolvimento do

²² Eduarda Amorim.

esporte é a escola, porque é lá que está o professor, então, tem que ter uma alternativa de solução para este problema, e isso é um pensar que o Ministério da Educação, Ministério do Esporte em conjunto com os Estados, tem que resolver essa questão, isso tem sido um problema sério para o desenvolvimento do esporte. Porque o que é que ocorre, as crianças que tem recursos vão para as escolinhas pagas, e as que não têm? Que é o maior potencial que nós temos, para onde estão indo? A mesma coisa está ocorrendo no futebol, acabaram os campos de várzea, acabaram os campinhos para as crianças brincarem, jogarem futebol, acabou com tudo, hoje tudo é pago. E já com um empresário ali, já querendo pegar meninos de doze, treze anos e já querendo ganhar dinheiro em cima da questão. Isso deve ser solucionado, eu acho que o esporte passa pela escola, e o Comitê Olímpico Brasileiro não tem ajudado nisso, os governos não tem se preocupado com isso, e é uma questão fundamental, não resolve nós chegarmos agora na Olimpíada, e dizer assim: “Quantas medalhas nós ganhamos”, não vamos ganhar muitas não. Porque o que está feito, está feito, daqui até lá pode surgir alguma revelação daqui até lá, mas o que está feito, está feito, nós precisamos fazer um trabalho a longo prazo, e passa por essa... Por resolver essa questão dentro do plano pedagógico das escolas e do esporte educacional como um todo.

P.J. – Santa Maria, foi uma grande potência nos três níveis, na escola, na universidade e profissionalmente falando, e hoje isso não acontece mais.

L.G. – Para vocês verem como é difícil trabalhar essa questão, por que é que ele foi? O professor Iradil, eu, e o pessoal que trabalhava na época, nós não estávamos importando com a nossa carga horária, nós queríamos fazer o trabalho, então como eu disse para vocês eu fui contratado pelo estado por oito horas, mas eu trabalhava trinta e duas, eram doze horas de defasagem, se eu fosse... Não sei se está errado, na minha visão isso me ajudou muito, o esporte me levou para todo o mundo, quer dizer, eu sou altamente gratificado com o que eu fiz na área do esporte e como professor universitário também. Então se eu tivesse que voltar no tempo, eu fazia tudo, claro melhorava em algumas coisas, mas fazia tudo como eu fiz até hoje, eu acho que foi uma caminhada realmente boa, e depois de 1995 quando eu deixei de trabalhar na quadra, onde fiquei vinte e cinco anos, de 1970 a 1995 dá vinte e cinco anos e fora o tempo antes, dá uns trinta anos mais ou menos, isso é muito tempo e eu era como diz na gíria “CDF”, eu nunca cheguei atrasado em uma aula, ou em

um treinamento, sempre antes, uns quinze minutos eu estava lá para receber meus alunos, receber meus atletas, fazia uma parte mais expositiva do que era necessário, então, realmente em 1995 eu estava exaurido, chegou, fui para a Islândia, meu último compromisso internacional, cheguei aqui entreguei, e me dediquei a parte administrativa e o que é eu pensei, eu vou procurar possibilitar a quem vem atrás, as condições de que eu não tive, e aí entrei na parte política, entrei em cargos oficiais, mas o que é que ocorre, tu entra no meio, embora, o esporte seja uma coisa muito técnica, tu entra no meio e tu é quase que engolido pela política, e se tu não é forte politicamente, então hoje para poder dirigir um cargo, tu tem que ter competência técnica, e articulação política, se não as coisas não andam. Então é assim, é uma luta constante, contínua e permanente. Se nós não resolvermos essas questões de escolas, de clubes formadores, de Federação, nós vamos viver de memória, como o próprio futebol está caminhando para viver de memória. Porque não têm mais alternativas.

P.J. – Nesses quase trinta anos de carreira, o senhor tem algum fato que marcou assim, a sua carreira?

L.G. – Vamos dizer assim, sobre um fato de resultado, foi em 1977, foi quando nós ganhamos o primeiro título escolar, que foi na segunda prorrogação, faltando trinta segundos para terminar o jogo, e nós fizemos o gol da vitória, foi muito emocionante, por toda a carga de trabalho que a gente vinha, o sacrifício que a gente passou na Romênia lá que é outro fato que marcou muito, foi muito emocionante isso aí, e depois o primeiro título adulto com o clube também, foi muito interessante o resultado, o ginásio cheio, público lotado, fora do nosso estado, foi lá no Paraná o nosso primeiro título em 1981, o Goioerê²³. Então são coisas que marcam muito, mas assim, o que mais me marcou sobre o ponto de vista de formação, é que a maioria absoluta, mais de 90% dos atletas que passaram por mim, fizeram o curso superior, mesmo enfrentando, treinamentos todos os dias de duas a três horas, e eles eram os estudantes de universidades, engenharia, medicina e todos formados, e isso marca muito também, a ação pedagógica que tu exerceu no treinamento, na formação das pessoas, e a outra foi na Romênia, onde nós passamos lá sessenta dias, debaixo de muito frio, onde no lago da frente do alojamento sempre

²³ Cidade do Estado do Paraná.

congelado e comendo batata , e carne de porco. A Romênia era tetra campeã Mundial de handebol.

P. J. – E como é que era a relação desses atletas?

L. G. – Os atletas eram todos oficiais do exército, eles lá tinham o seguinte, eles formavam uma seleção permanente, por isso foram campeões. Pegavam, selecionavam, o processo de seleção deles era assim, tu ia para uma região pegava cem meninos, de cem eles tiravam um ou dois no máximo. Ia para outra região de cem, tiravam um ou dois, e formavam uma seleção para trabalhar quatro anos consecutivos, e eles iam para dentro do quartel, eles recebiam como oficial do exército, e aí eles foram tetra campeões Mundiais.

P. J. – E o tratamento com vocês, como era?

L. G. – Sabe que o romeno é latino, eles são muito afetivos sobre o ponto de vista da relação, a língua deles tem aspectos que possibilita a comunicação. Eles são muito afetivos. Mas tinham muitas dificuldades para deixar o país.

J. K. – Então, eu agradeço em nome do Centro de Memória do Esporte.

[FINAL DA ENTREVISTA]